

TOXICOMANIAS: ASPECTOS SOCIAIS E PSICANALÍTICOS*

Véra Motta

Falar de toxicomanias na Psicanálise exige um tratamento singular, e um tratamento no singular. Em primeiro lugar, a experiência analítica começa pela transferência, por esta operação que consiste em atribuir a alguém o poder de dar sentido àquilo que para uma pessoa se apresenta como sem sentido. Trata-se de uma verdadeira atribuição (Freud, I.R.S.).

O primeiro ato da experiência é realizado pelo paciente, que dirige ao analista uma demanda que evidencia os limites de seu saber em relação ao seu sintoma. Parece discutível que o recurso ao produto tóxico constitua um sintoma verdadeiro, pois, em termos analíticos, o sintoma guarda uma relação íntima com a divisão subjetiva. Nos toxicômanos e alcoolistas, o que se realiza é um verdadeiro deslocamento, cuja função é esconder a divisão que o sintoma impõe. Através do uso de um produto esvaziado de sentido, o sujeito busca suspender, ao menos temporariamente, a divisão subjetiva.

Nesse sentido, pode-se afirmar que o termo toxicomania tem um valor identificatório para o sujeito, de tal ordem que o dito “Eu sou toxicômano” torna esse aspecto manifesto. Ora, essa maneira de se apresentar no tratamento distingue-se, fundamentalmente, da queixa própria do sintoma obsessivo ou histérico. Os toxicômanos chegam aos centros de tratamento levados pelas contrariedades provocadas pelo consumo de droga, e o que eles pedem, quase sempre, é a desintoxicação. O que a psicanálise pode lhes oferecer, que não o recurso à desintoxicação?

Em Freud, a toxicomania não se apresenta enquanto conceito, mas numa série que começa com a neurose e culmina na loucura, incluindo a intoxicação, a auto-absorção, o êxtase e o humor (O Humor, 1927). Trata-se, ainda, de uma Construção auxiliar, tal como as oferecidas pela arte, que influencia o corpo e altera sua química. Nesse sentido, a intoxicação é, para Freud, o método mais grosseiro e contudo um dos mais eficazes na luta pela felicidade e no afastamento da desgraça. A tese freudiana, consagrada no artigo “O

mal-estar na civilização” (1930), é a da descontinuidade entre civilização e natureza, de tal modo que, para suportar as exigências civilizatórias, houve por bem ao homem erguer tais construções, a fim de suportar os sofrimentos, decepções e tarefas que a vida lhe reservava.

É a partir do sentimento de culpabilidade ligado ao pai, sentimento considerado como o móvel central do trabalho da civilização, que Freud localiza a função da droga do toxicômano. O método químico, a intoxicação, adquire, segundo ele, a forma de uma construção auxiliar capaz de atenuar a pressão proveniente do agente paterno (Jésus Santiago, Introdução a *O Homem Embriagado*). Em Lacan, os produtos de substituição, entre os quais a droga, não procedem, simplesmente, do sentimento de culpabilidade, mas de uma lógica do discurso, que capta o funcionamento do agente paterno a partir da noção de gozo.

O elemento econômico do trabalho civilizatório, que para Freud só é possível a partir da renúncia pulsional, em Lacan é visto a partir da noção de um excedente obtido pela renúncia de gozo. Freud vê na intoxicação um recurso do homem moderno para se refugiar num mundo próprio, com melhores condições de sensibilidade, onde a ilusão de felicidade pode ser alcançada, ainda que provisoriamente. Esse excedente, que consagra o impossível da felicidade, próprio do processo civilizatório, constitui para Lacan o mais-de-gozar. O toxicômano, preso a um objeto que não é o do seu desejo, está implicado em uma ganância, numa satisfação à qual não pode renunciar, de tal modo que aí se pode localizar uma verdadeira identificação, uma identificação ao mais-de-gozar (Maria Luiza Miranda, “O imaginário nas toxicomanias”).

Deve-se ressaltar, contudo, que o tratamento da toxicomania, em Freud e Lacan, ainda que não tenha estatuto de conceito, não é desprezível na obra desses dois autores. Em Freud, percorrem-se obras desde 1884 a 1930, em que o assunto é submetido a longas e, às vezes, monótonas discussões sobre o papel dos estupefacientes na vida do sujeito:

1884 - *Über Coca*, o primeiro de uma série de artigos de Freud sobre o uso da coca, sua história de uso, suas diversas utilizações terapêuticas;

1885 - *Adendos a Über Coca*, uma reedição com acréscimos ao artigo anterior;

1885 - *Sobre o efeito geral da cocaína*, um libelo a favor do uso da cocaína nos tratamentos psiquiátricos e, em especial, no tratamento da abstinência da morfina;

1886 - Cartas a Marta Bernays, em que Freud atesta os efeitos liberadores do uso da cocaína, e o prazer obtido com o seu uso;

1887 - *Ânsia e temor pela cocaína*, um outro libelo a favor do uso da cocaína, e a defesa contra a acusação de ser o seu uso causador de dependência;

1895 - *Sonho de 23-24 de julho de 1895*, ou mais conhecido como Sonho de Irma, o sonho inaugural da Psicanálise, por Freud, em que o tema da cocaína retorna, permitindo-lhe verificar os efeitos do trabalho da transferência no analista;

1895 - *Rascunho H. Paranóia*, um anexo à carta a Fliess de 24 de janeiro, em que Freud examina, entre as formas de paranóia, os delírios alcoólicos de ciúme;

1897 - Carta 55 a Fliess, datada de 11 de janeiro, em que Freud relaciona a origem da dipsomania (alcoolismo) à intensificação ou substituição dos impulsos sexuais ligados à masturbação;

1897 - Carta 79 a Fliess, datada de 22 de dezembro, em que Freud insere o álcool numa série – morfina, fumo, e outras coisas parecidas, atribuindo a origem desses hábitos ao “vício primário” da masturbação;

1898 - *A sexualidade na etiologia das neuroses*, em que a tese de ser a toxicomania um substituto da masturbação se vê reforçada por comentários acerca da ineficácia de tratamentos que prescrevem a abstinência para quebrar o hábito, sem atingir, verdadeiramente, as causas;

1905 - *Fragmento da análise de um caso de histeria* ou Caso Dora, em que Freud aproxima os fenômenos de intoxicação das psiconeuroses, em seus efeitos sobre o corpo;

1905 - *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, onde as substâncias tóxicas, em seus efeitos sobre o corpo, se aproximam das substâncias sexuais (teoria química);

1911 - *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia*

(*dementia paranoides*), em que, a partir da gramática do inconsciente, Freud isola o mecanismo da paranóia, em uma de suas formas constitutivas, os delírios alcoólicos de ciúme (Não sou eu quem ama o homem – ela o ama);

1912 - *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor* (Contribuições à psicologia do amor II), onde Freud estabelece sua tese a respeito do alcoolismo, como um modelo de casamento feliz, uma completude de gozo que faz Bernard Lecoeur asseverar que o alcoolista não se importa com os impasses do sexo, fabricando um gozo, monótono, sem adiamento, que pode ser tido como gozo do Mesmo;

1917 - *Luto e melancolia*, em que Freud aproxima a embriaguez alcoólica dos estados maníacos, pela suspensão, produzida por toxinas, de dispêndios de energia na repressão, ou seja, têm em comum esses estados suspenderem, temporariamente, as inibições, produzindo, como efeitos, os sentimentos de triunfo e exaltação. Em Lacan, o tema é redespertado a partir de *Televisão*, situando a tristeza (a melancolia) como covardia moral, e o que resulta dela, a excitação maníaca, como rechaço do inconsciente: retorno no real do que é rechaçado na linguagem;

1927 - *O Humor*, que já comentamos atrás, a propósito da série que vai da neurose à loucura, passando pelo humor, e a partir do qual se pode aproximar humor e intoxicação, na medida em que o ciclo aí completa seu curso dentro de uma única pessoa (*Os chistes e sua relação com o inconsciente*);

1928 - *Dostoiévski e o parricídio*, em que Freud analisa a mania pelo jogo do escritor, incluindo-a na série dos “vícios secundários”, substitutos da masturbação;

1930 - *O mal-estar na civilização*, obra terminal de Freud, em que se desenvolve a tese segundo a qual a intoxicação, ou os fenômenos da toxicomania, são construções auxiliares que ajudam os homens a suportar o mundo e de onde se pode extrair a tese lacaniana de ser a toxicomania um sintoma da modernidade.

Não pretendemos aqui esgotar em absoluto o tema, mas tão somente indicar algumas das fontes necessárias ao percurso de quem se interessa em abordar o fenômeno das toxicomanias pelo viés da psicanálise. A clínica das drogas no CETAD tem apontado

algumas variantes do estudo do fenômeno, em especial aquela que se desenvolve sob a égide de “Toxicomania e família”. No centro da consideração lacaniana sobre a droga, encontra-se o impasse do casamento do homem com o falo. Em outras palavras, o que se busca rastrear, a partir da casuística de família, são as formas pelas quais o sujeito se

depara e aborda o Outro
sexo.

* Texto apresentado no Colégio de Psicanálise da Bahia, nas Quartas de Debate, em Salvador, Bahia, junho de 1995.